

ENTREVISTA COM O DR. ADILSON CITELLI¹

Ademilde Silveira Sartori*

Patricia Montanari Giraldi**

Lucilene Lisboa de Liz***

Revista Linhas: *Tendo em vista o papel das diferentes mídias, em especial a eletrônica, em diferentes contextos socioculturais, podemos perceber a importância de uma apropriação mais crítica destas por parte dos professores da educação básica e superior. Desse modo, qual é, do seu ponto de vista, o grande desafio a ser enfrentado para que essa apropriação se de efetivamente?*

Adilson Citelli: Eu creio que temos aí duas questões. Temos que entender os termos mídia e apropriação. Podemos nos referir a mídia como sistema comercial (rádio, jornal, televisão), que tem um alcance social gigantesco. É preciso que a escola tenha uma inflexão analítica sobre esses produtos midiáticos, sobre as linguagens e sobre os produtos que todo esse sistema de produção e circulação da informação do conhecimento, estão gerando, pois estão dentro de um *frame* basicamente comercial, com exceção dos sistemas que estão dentro de uma área pública, como TV e Rádio educativos. A mídia tem dono, independentemente de quantas famílias sejam as proprietárias, estamos falando de algo que tem dono. A apropriação analítico-crítica tem relação com a cidadania, o cidadão de alguma maneira tem que estabelecer algum tipo de diálogo com essas mídias que não seja apenas a absorção, embora essa absorção nunca seja absoluta. O receptor é alguém ativo, porém sabemos que o sistema é poderoso e cada vez mais central na vida das pessoas, e se trata do principal elemento para

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina

** Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina.

promover a circulação da informação. Há um nível de inserção, de relação crítica, analítica, que se dá no plano geral da mídia. Um segundo plano, que não é separado do primeiro, que é a forma como a escola se apropria desses sistemas midiáticos, como por exemplo, para as atividades da própria escola. A escola já está se apropriando da mídia ao levá-la para dentro da escola, como TV na Escola, Rádio na escola. E ainda a questão das novas tecnologias. Eu não chamo a Internet de mídia, no sentido tradicional do termo, ela é mais que um meio de comunicação, é um sistema configurador de relações culturais, sociais. A escola, portanto, tem duas questões para tratar quando se aciona o conceito de mídia. Há uma relação com a mídia externa, sem presença física - a telenovela pode ser tratada sem que a escola receba telenovela – num plano em que a mídia vai para dentro da escola, malgrado não pertencer originariamente às circulações internas da escola. E você pode ter um segundo sistema de mídia que pode fazer parte da escola, que advém do fato de que agora ela tem um conjunto de mídia que pode usar para otimizar o trabalho educativo. Em ambos os casos a ideia da leitura crítica tem a ver com discernimento. Aqui temos que ampliar o termo crítica, pois geralmente tem acoplado uma ideia de negatividade da coisa, estou colocando no sentido de algo que deve ser submetido a uma leitura qualificada, que consiga diferenciar as coisas, que consiga estabelecer categorias analíticas daquilo que vê. Isso vale tanto para aquilo que estou chamando metaforicamente de mídias externas quanto para as mídias internas, vale para ambos os casos, essa capacidade de produzir discernimento. A tarefa fundamental da escola, hoje, é ativar o conceito discernimento, e isso é mais importante do que a preocupação com conteúdos disciplinares. É uma necessidade ontológica da escola, hoje, ativar a ideia de discernimento.

Se entendermos que a comunicação desempenha um papel estratégico na organização da vida contemporânea, a escola tem um trabalho gigantesco para fazer sobre essa questão, e se retomarmos aquele jogo que fiz sobre as mídias internas e as externas, os meios são estratégicos para organizar a vida contemporânea, não só no que tange a informação, produção de conhecimento, até as relações interpessoais hoje passam por esses sistemas. Veja o papel que a Internet joga nas intersubjetividades dos jovens. Quanto afeto não rola pela mídia! Quantos amores não se resolvem através da internet?! Então eu creio que o conceito de discernimento, a capacidade de discernir, é um objetivo que a gente tem que trabalhar fortemente na escola. Eu creio que é importante o discernimento. Eu estou evidentemente querendo trabalhar com a ideia dessa capacidade de separar as coisas, de conhecer o processo de produção das coisas. Acho que é fundamentalmente isso.

Revista Linhas: *Sabemos que o acesso às tecnologias não garante processos formativos que promovam usos mais adequados do ensino. Nesse sentido, gostaria que comentasse sobre de que forma podemos superar o uso meramente instrumental das tecnologias e encaminhar algumas contribuições para pensarmos a educação.*

Adilson Citelli: Essa questão diz respeito à primeira. Toda essa discussão, esse debate da questão instrumental passa por isso: pelo ajuste analítico-crítico da busca incessante do conceito de discernimento. Precisamos aprofundar isto, por que isto é que vai permitir que a gente olhe todo esse sistema midiático, os equipamentos propriamente ditos, de uma forma não apenas instrumental como coisa, como objeto do qual nos utilizamos para atingir um determinado fim. Vale dizer que a questão técnica vem sendo muito discutida e bastaria ver, por exemplo, as discussões que o Heidegger fez para pensar a questão da técnica. Ela não é um outro com relação ao sujeito, o sujeito já é o sujeito da técnica, já é um sujeito na técnica, no texto clássico dele sobre a técnica. Nós já estamos dentro da técnica, não é mais discutir se vamos usar ou não o computador, se vamos ligar ou não a televisão. Não é mais possível essa pergunta ludista. O ludismo não é mais possível por que a comunicação é central nos processos atuais e isso Heidegger afirmava: a técnica já faz parte das relações, a pessoa já é um sujeito, um ser na técnica. É um sujeito com a técnica. Claro que o nosso problema como educadores é saber qual o limite entre algo que, sendo da técnica, se reifica ou não na relação com o sujeito. Não pode existir uma dessubjetivação do sujeito, o sujeito ser dessubjetivado na técnica. Essa é a crítica que Heidegger faz: você cede tanto à técnica que você se dessubjetiva. Noutros termos, o objeto se reifica para você. Nesse sentido, a escola tem que trabalhar numa contracorrente, que indique a possibilidade de superar essa dimensão reificada das coisas. As relações entre o sujeito e a técnica já estão constituídas. Agora, se trata de saber como é que administramos isso. Se nós entregamos tudo à técnica, ou se nos vamos pensar a relação do sujeito com as coisas.

Revista Linhas: *Em que sentido nós podemos afirmar que as novas tecnologias estão mudando a cultura e como a escola pode se relacionar com isso?*

Adilson Citelli: Essa é uma questão central. Quando colocamos o caráter de centralidade da comunicação, seu caráter estratégico, e nós estamos preocupados em pensar a relação entre a comunicação e a educação, deve-se ao fato de tudo indicar que não dá mais para pensar a

educação sem de alguma forma dirimir a questão da comunicação. O que está em jogo? Não é o problema da convivência com as técnicas ou a convivência com a mídia, o que está em jogo é o fato de que há uma mudança cultural profunda. As relações interculturais, culturais, estão profundamente marcadas hoje pela comunicação, mais ou menos midiaticizada. Para retomar à celebre ideia de Walter Benjamin, há uma alteração no sensorium, ou seja, as formas de ver, perceber sentir, conhecer se transformaram completamente. Se a gente entrega tudo ao ensino propedêutico, transmissivista, nós ficamos em tensão com esse sensorium que já se constituiu nessa profunda revolução no âmbito da comunicação. Que é profunda há mais de trinta anos. Em que entra todo esse conjunto de experiências técnicas e passa a dialogar com a sociedade e com as pessoas em outro patamar. Ninguém mais imagina ser possível, no nosso meio, viver sem o correio eletrônico, ou viver sem a televisão. Esse aparato já faz parte dos móveis e objetos da casa. Faz parte da roupa da pessoa, da maneira como a pessoa vê as coisas. No *YouTube* encontramos muitos videozinhos de historinhas que contam da relação das crianças com equipamentos um pouco mais antigos. É impressionante como em questão de quatro a cinco anos essas mudanças, que são mudanças de percepção, de visão, de conceitos, se aprofundam! Nesse sentido, é necessário que sejamos benjaminianos, ou seja, que retomemos a visão de história de Walter Benjamin, de que vivemos em cima dos cacos das coisas, uma coisa se vincula à outra e as mudanças estão ligadas àquilo que se quebra. A escola precisa levar isso em consideração para não perder a dimensão cultural dessas mudanças profundas que são realmente viscerais. As pessoas são profundamente tocadas por essas alterações que de alguma forma a comunicação proporciona. Esse debate sobre as relações entre a comunicação e a educação deve ter esse ponto de partida. Esse é o começo do debate: afinal, por que colocar em questão a relação da comunicação com a educação? Por que há profundas mudanças no terreno da cultura, no terreno das relações interpessoais, intersubjetivas? A discussão da relação entre educação e comunicação não decorre do fato de termos mais meios de comunicação, decorre do fato preliminar de que a mudança no sensorium, a mudança nos parâmetros culturais são tão profundas que, se deixadas de lado, comprometem aquilo que seria a tarefa inicial da escola, aquela de transmitir a cultura para os mais jovens. A escola precisa ir se repensado, retrabalhando nesse processo. Caso contrário, por mais dedicado que seja o professor, a instituição do ensino terá muitos problemas. Seria equivalente às grandes revoluções. Depois de Guttenberg, como posso pensar em fazer algo sem a mídia impressa?! E assim progressivamente. Marx e Engels, em O manifesto Comunista, escrito em 1848, afirmaram que sempre que mudamos os instrumentos de produção, mudamos a relação de produção, mudamos as relações sociais subsequentes. A descoberta da enxada, depois o

trator, a caneta com tinta com pena de ganso, a máquina de escrever, o computador... são mudanças no modo de produção que implicam mudanças nos modos como eu me relaciono com os objetos e todas as outras relações sociais subsequentes. Atualmente, pessoas se casam pela Internet! O aluno busca a informação pelo Google! Para isso necessita de discernimento e aí o papel fundamental da escola. Marx dizia: olha é assim que a sociedade burguesa vem se constituindo. Ele afirma isso depois, em O Capital, ou seja, que a burguesia não vive sem um revolucionar constante. Estamos em pleno momento. Não dá mais para vivermos na Sociedade Industrial. Estamos na Sociedade Digital. Nesse sentido, a discussão não se pauta no sobrelevamento da comunicação, mas por que há uma modificação completa nas relações sociais e culturais. Por isso o diálogo entre essas duas áreas é cada vez mais necessário.

Revista Linhas: *Como você vê a tarefa do Curso de Educomunicação que a USP está lançando?*

Adilson Citelli: Eu creio que o Curso de Licenciatura em Educomunicação é o resultado desse debate, do amadurecimento dessa discussão. É uma resposta material ao que eu estou expondo aqui. É uma experiência que quer juntar toda a contribuição que a educação trás e que a comunicação promove, e nós propusemos uma Licenciatura por que nós entendemos que é preciso ter um profissional que trabalhe com essas coisas também nos ambientes educativos. Claro que o professor de história estará lá, que o professor de geografia estará lá, as questões pedagógicas estarão lá na escola, também. Em função desse conjunto de mudanças, há lugar para uma reflexão, para um profissional que discuta de uma maneira mais aprofundada essas relações e possa elaborar propostas para o ambiente educativo formal e outros que leve para dentro da escola experiências e alternativas para se trabalhar com a comunicação, não apenas utilizando mídias para produzir aulas, mas entendendo o lugar desses meios de comunicação, os sentidos da comunicação nesses espaços, facilitando a produção de linguagens da comunicação dentro da Escola. Por que facilitar a produção dessas linguagens significa também um mecanismo de discernimento, que significa descobrir como a mídia funciona. Quando estamos fazendo experiência com jornal na sala de aula, estamos envolvendo uma porção de coisas. Por exemplo, o aluno aprende a maneira como um jornal funciona. Isto é, tem seleção de notícias, tem que fazer edição etc. Então, edição é uma ação complicada, implica em escolher e não significa que a minha escolha seja a melhor! O aluno percebe que há uma série de temas e que, quando compramos o jornal, pegamos um produto acabado e tem-se uma falsa impressão de a que é uma expressão da realidade

independentemente da presença dos sujeitos, na relação entre ele e o fato, notícia, acontecimento. Quer dizer, eu penso que quando o aluno está fazendo um jornal na sala de aula ele está aprendendo que há um jogo de linguagem entre o que é dado como real e algo que é constituído narrativamente como real. É uma escolha num conjunto de realidades e mais ainda, uma vez escolhida aquela realidade, há uma maneira de montar a experiência narrativa daquela realidade. Ou seja, é um contar, uma narrativa. No âmbito do discernimento, estaremos trabalhando na desmontagem da lógica do jornal. Amanhã ou depois, quando o aluno pegar o jornal para ler, tendo feito a experiência de produção, vai questionar a lógica constitutiva do jornal. Enfim, é uma experiência de desmistificação, de “desreificação” dos objetos. Posso entender a relação com o jornal como um jogo, como algo lúdico – metaforicamente falando. Nesse jogo, questiono o que o jornalista escreve, concordo, discordo... enfim, é um jogo pragmático da comunicação, que não é finalística. É um compósito com o qual nós podemos jogar, podemos nos relacionar. Esse jogo é o que chamo de discernimento, nele eu vou qualificar, desqualificar. Muitas experiências nesse sentido foram e vem sendo feitas na escola. Há um lugar, então, para o Educomunicador nesse processo. A Educomunicação é uma especialização, do mesmo modo como o professor de história tem a sua especialização, o educador terá a sua. Nós entendemos que alguém que vai trabalhar com comunicação e educação deve ter essa *expertise*, ser alguém que tenha condições de dizer a seus pares ou seus alunos: olha, vamos tentar fazer um jornal para ver como se faz um jornal? Ou um programa de rádio? Estamos falando de operações de produção. Essa Licenciatura tem esse diapasão: que sejam professores que trabalhem com essas mudanças culturais, que tem a ver com a comunicação e ela ocupa um lugar de centralidade.

Revista Linhas: *A discussão sobre a relação entre a comunicação e a educação não é exatamente uma discussão nova. Gostaria que você falasse um pouco sobre como está essa discussão no cenário latino-americano. E como o Brasil se posiciona. Pode ser?*

Adilson Citelli: Claro. A preocupação com as interfaces entre Educação e Comunicação vem lá dos anos 1960, para não alongar muito, e abarcou toda a América Latina, em diferentes graus, em diferentes circunstâncias. No Brasil, podemos acompanhar essa discussão já nos anos 1950. Portanto, sem voltar muito na história, falar do uso que o Roquette Pinto e o Anísio Teixeira fizeram da rádio etc., mas a partir dos anos 1950 já temos uma matéria vastíssima. É um momento muito rico no Brasil, que vai desde 1955 até o golpe militar em

1964. Era um tempo de intensa utilização dos meios de comunicação da época, evidentemente, para a educação. As experiências em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, em todo Norte e Nordeste de nosso país, foram experiências interessantíssimas de como colocar a televisão, o rádio, para fazer educação popular, sobretudo. Paulo Freire é um nome importante, no estado de Pernambuco, que entende que é necessário promover ações nesse território. Há experiências muito ricas no Brasil que precisam, inclusive, ser retomadas, pois são experiências que tem uma forte ligação com algo que me é muito caro, que é o seguinte: são ligadas a definições de projetos nacionais. Que Brasil queremos? O que essa gente que trabalhava com educação popular desejava? O que muitos governos, chamados de populares naquele tempo, queriam? Era uma porção de coisa, erradicação do analfabetismo etc., que retratavam projetos de país que eram animados nesse universo. Veja que isso encontrou forte ressonância inclusive nos estudantes, a União Nacional dos Estudantes, a UNE, fez educação popular pelo país inteiro, inclusive usando o teatro. Criaram os famosos CPC, Centros Populares de Cultura, que se espalharam pelo país inteiro. Muitos já morreram, mas muitos estão por aí, como Eduardo Coutinho, Arnaldo Jabor, Carlos Diegues, e tantos outros, tinham um projeto de comunicação, de trabalhar com cinema, teatro etc., em nome das causas populares. Esse fenômeno se espalhou por toda America Latina. Claro que com o problema das ditaduras no Cone Sul, Argentina, Brasil, Paraguai, Chile, Uruguai, enfim, esse movimento foi desaquecido. O movimento popular foi se reorganizando para fazer o que foi chamado de comunicação popular. Esse termo ganhou força nos anos 1970, por que se criaram formas de resistência à ditadura no Cone Sul, levando para a escola o jornal e a Super 8, entre outros meios da época. O objetivo era que as crianças começassem a produzir. Essa preocupação está espalhada pela America Latina, inclusive America Central. Hoje o Brasil tem uma experiência totalmente nova que foi a criação de um curso em nível superior. Temos um curso universitário de Educomunicação que é inteiramente novo. Sabemos que há muitos colegas de outros países que se interessaram em formar um profissional, com esse ou com outro nome, mas o Brasil deu um passo adiante muito importante. A experiência brasileira é bastante sólida. Vemos isso quando participamos de congressos internacionais, que a voz do Brasil é muito ouvida nesse campo. Nossa experiência e contribuição teórica são reconhecidas e, sobretudo, verificam que criamos alguma coisa que levou para dentro da universidade uma experiência que estava espalhada. Nós da USP, por exemplo, tínhamos aqui dentro da pós-graduação uma Linha de investigação em Comunicação e Educação. Estamos fazendo esse trabalho há vinte anos! Porém, a novidade é que se conseguiu constituir uma Licenciatura, se trouxe para o corpo da formação universitária um curso sistematicamente constituído. E

temos dialogado muito. A Espanha, por exemplo, por meio da UNED e outros, estão muito interessados em desenhar um curso nessa mesma direção, ainda que com diferentes configurações, mas que tenha a preocupação com esses encontros culturais novos da educação e da comunicação. Outros como, por exemplo, a professora Maria Teresa Quiróz, que trabalha no Peru, a professora Sílvia Bacher, na Argentina, o Gabriel Kaplún, filho do Mario Kaplún, no Uruguai, enfim, é um movimento muito amplo que trata desse tema exatamente por ele ser emergencial.

Revista Linhas: *Gostaria de enfatizar algum ponto, acrescentar algo que julgue interessante?*

Adilson Citelli: Como uma fala final, é muito importante que o pessoal que trabalha com a educação e com Comunicação entenda a singularidade do momento. Às vezes o pessoal da área da educação acha que esse pessoal da comunicação quer fazer aluno ver televisão e telenovelas! Não é tão simples assim! É um problema de colaboração entre essas áreas. Elas continuam existindo. A educação tem muitos desafios, próprios dela, educação. E o pessoal da comunicação precisa entender que o mundo não gira em torno de grupos de comunicação, comunicação não é sinônimo de empresa de comunicação e de empresa de mídia, e, portanto, de produção comercial. Até por que, já nesse momento, essa ideia de que comunicação diz respeito a um procedimento centralizado em grupos de mídia e, conseqüentemente, de manipulação da informação, de acobertamento (embora haja esse problema). Os próprios grupos de mídia já entenderam que estão vivendo um momento um pouco complicado com a abertura permitida pelas novas tecnologias. Pela Internet, pelos blogs, pelo jornalismo que fugiu completamente do circuito tradicional, canônico do jornalismo. Quantos grupos estão produzindo comunicação hoje de um modo completamente fora dos circuitos tradicionais! E não se trata de jornalismo alternativo, como chamávamos nos anos 1980. Hoje se faz uma outra forma de comunicação, com outros instrumentos de produção. Há um desconforto dos grandes meios de comunicação. Tanto que vivem o tempo todo afirmando que os jornais tradicionais voltaram a ser lidos! Há uma percepção clara e evidente que não é mais possível conter a comunicação naquele vetor central. O conceito de comunicação que por muito tempo virou metonímia de mídia e de grande mídia, e dos meios de comunicação massivos, está migrando, se deslocando desse lugar tradicional para outras formas. Quem trabalha com comunicação diretamente está passando por um período de re-educação deles próprios. Então a questão não é corporativa. Não se trata mais de entender a comunicação como uma questão de manipulação etc., até por que isso está muito longe do que é exatamente a comunicação. E

a comunicação ainda entendida como sinônimo de grupos de poder e de pressão está passando por um complexo processo de mudanças. Assistimos no final do ano passado e nesse, o que aconteceu no mundo árabe. Não afirmo que o que aconteceu foi decorrência da Internet, como muitos apóstolos da Internet vaticinam. Não. A revolução está acontecendo no mundo árabe por que as pessoas estão se mobilizando, tendo a coragem de enfrentar e de morrer pelo que querem. Isso não é só rede social. As redes sociais estão desempenhando um papel central, por que romperam um sistema de mídia ainda mais fechado, por que absolutamente controlado por um governo, famílias, muito fechado. Aquela mídia foi insuficiente para segurar ao mesmo tempo um novo sistema de produção de propaganda e a coragem das pessoas. As pessoas foram para a rua, e centenas e milhares morreram! Mesmo um sistema de mídia totalmente estratificado, não conseguiu segurar os acontecimentos. Isso por que “sai água por todos os lados”, fica “vazando”, a informação não pode ser contida! Nesse sentido, educadores e comunicadores podem trabalhar juntos. Não se trata de desenvolver modos mais eficientes de utilizar os instrumentos ou de adestramento para ver melhor televisão. Não. Trata-se de buscar uma formação mais consistente de cidadania que pode trabalhar com alternativas de comunicação cada vez maiores. Não é uma questão de tensão, mas de colaboração.

Recebido em: novembro de 2011
Aprovado em: dezembro de 2011